
Memória e história pernambucana através da fotografia de Edvaldo Rodrigues dos Santos¹

Julianna Nascimento TOREZANI²

Renata Maria Victor de ARAÚJO³

Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

A fotografia é um elemento icônico que permite conectar passado, presente e futuro, deste modo aciona a memória a recordar fatos que fazem parte da vida das pessoas. O olhar de um fotógrafo registra um momento que pode cristalizar um acontecimento histórico, assim este trabalho se ocupa de apresentar acontecimentos e personalidades pernambucanas através da obra fotográfica do repórter Edvaldo Rodrigues dos Santos. Temas como religião, cultura, ditadura, política, futebol, seca e trabalho infantil estão entre as inúmeras pautas que realizou. O artigo foi desenvolvido através da pesquisa bibliográfica e documental, além da técnica da entrevista, discutindo conceitos sobre história, memória e fotografia. Resulta numa viagem ao longo da história pernambucana através das imagens publicadas pela imprensa nacional e internacional.

PALAVRAS-CHAVE: Edvaldo Rodrigues dos Santos; Fotografia; Fotojornalismo; História; Memória.

Considerações Iniciais

Quando um repórter fotográfico aciona o disparador de uma câmera ele congela o momento e recorta o espaço que servirá para contar o acontecimento. O fotojornalismo serve a memória e a história, uma vez que se torna um artefato que preserva visualmente o que será narrado em texto. Edvaldo Rodrigues dos Santos é um fotógrafo pernambucano que tem 77 anos e ainda atua no fotojornalismo, já passou pelos jornais *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Commercio*. Desde a década de 1960 registra temas que fazem parte da história de Pernambuco, ver suas imagens é navegar pelo passado e encontrar

¹ Trabalho apresentado na DT 4 – Comunicação Audiovisual do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestre em Cultura e Turismo e Bacharel em Comunicação Social, e-mail: juliannatorezani@yahoo.com.br

³ Coordenadora e professora do Curso Superior de Tecnologia em Fotografia da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Coordenadora da Especialização As Narrativas Contemporâneas da Fotografia e do Audiovisual da UNICAP. Coordena o curso de extensão Ganhando Assas Através da Comunicação e da Arte da UNICAP. Professora do curso de Jornalismo da UNICAP. Coordena a Revista Unicaphoto (ISSN 23578793). Mestranda em História pela UNICAP. Especialista em Design da Informação e Bacharel em Design pela UFPE, e-mail: fotorenatavictor@gmail.com

pistas para entender a religião, a cultura, o período da ditadura militar, a política, os eventos esportivos, a seca e o trabalho infantil, além de tantos outros.

O objetivo deste trabalho é apresentar e analisar fotografias de Edvaldo Rodrigues dos Santos que contam importantes fatos da história pernambucana. Através da pesquisa bibliográfica, da pesquisa documental (sobretudo no arquivo pessoal do fotógrafo) e da técnica da entrevista (realizadas em 2015 e 2019) será possível elaborar tal estudo.

História e memória através da fotografia

A memória reproduz a identidade de um grupo, fica guardado em nossas mentes ou através de artefatos que tenha sentido e importância com algum momento, lugar, pessoa ou acontecimento, serve para evocar o passado e pode colaborar para entender o presente, já que permite a interação social entre épocas. Para Jacques Le Goff,

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. [...] A memória onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro (LE GOFF, 1996, p. 476-477).

Como produção simbólica, há elementos que pertencem a esfera íntima da história de uma pessoa e elementos que podem representar um grupo de indivíduos, isso ocorre com inúmeros artefatos como quadros, roupas, móveis, prédios, músicas, textos, imagens. De acordo com Marilena Chauí (1995, p. 130), a memória revela nossa relação com o tempo, sobretudo o passado quando afirma que “a memória é o que confere sentido ao passado como diferente do presente (mas fazendo ou podendo fazer parte dele) e do futuro (mas podendo permitir esperá-lo e compreendê-lo)”. Lembrando que cada elemento é interpretado no contexto em que é observado/utilizado, tentando acionar o momento que fora criado, como ocorre com as imagens fotojornalísticas.

Por sua vez, a história analisa os documentos, depoimentos, objetos, lugares e sintetiza os fatos. Ao sistematizar permite uma visão rápida do que ocorreu, mas sempre deixando pistas para interpretações e novas descobertas. Paul Veyne afirma que (1992, p. 18-19) “a história seleciona, simplifica, organiza, faz com que um século caiba numa página. [...] A história é filha da memória”. Dentro dessa perspectiva a história apresenta fragmentos repletos de significados. Pela elaboração histórica toca-se em importantes

momentos que dão conta de apresentar um lugar e época, ao mesmo tempo que deixa na sombra outros elementos, depende da intencionalidade e do objetivo que se quer apresentar e discutir. Isso ocorre porque o historiador tem que fazer uma organização didática do que vai contar, sendo o analista que mergulha nos arquivos em busca de chegar próximo a realidade do que ocorrera, mas a partir do método de trabalho e sua concepção individual. Entre os arquivos com inúmeros documentos, há as páginas dos jornais que trazem textos e fotografias que colaboram para traçar o que aconteceu no passado, inclusive com o vocabulário da época e as possibilidades fotográficas como o estilo de foto, tamanho, qualidade e cor.

O ato fotográfico provoca a imaginação, os saberes, os fatos narrados e pode apontar novos caminhos de desvendar o passado, ou seja, pode ter um processo arqueológico através de um conjunto de imagens fotográficas, já que são pistas ou fragmentos de um tempo anterior. Para Ana Taís Martins Portanova Barros (2017, p. 150), “a mesma representação visual que opera na fotografia a um só tempo preserva a memória e dá estrutura ao mundo, posto que antes de tomar corpo nossos constructos, sejam eles materiais ou imateriais, são erguidos na imaginação”. A experiência da observação que enlaça os tempos passado e presente, assim a memória é construída no momento, pois é preciso se interpretar uma fotografia para que ela tenha sentido, ganhe importância e repercuta de acordo com o tempo/espaço que abordou.

Para existir, mais do que um referente em frente à câmera, a fotografia exige um observador diante de si, observador esse que só poderá estar vivendo no seu momento presente. A memória é, então, não transporte do ser para o passado, mas constructo vivido no hoje. Se é verdade que fotografia é sempre memória porque sua condição de existência exige que ela se apresente depois de aquilo que ela representa ter acabado, também é verdade que a experiência do fotográfico só pode acontecer no presente do ser – e então memória nunca está no passado porque sempre está em processo. O passado e a memória não se conservam; constroem-se (BARROS, 2017, p. 154).

Desse modo, a autora apresenta uma outra forma de analisar a relação da fotografia com a memória, não colocando sobre a imagem apenas a responsabilidade de preservação, mas de construção. Mais ainda, há uma relação dialética entre a fotografia e a imaginação, pois a imagem alimenta a imaginação, mas esta é ativada por imagens vistas, por essa conexão o mundo se apresenta. “A visão, assim, colabora com o imaginário, reciprocamente o imaginário enquadra a visão” (BARROS, 2017, p. 161).

Mesmo em época de tantas imagens sendo produzidas, publicadas e consumidas é importante ressaltar a importância deste elemento, pois através das fotografias que as questões identitárias e históricas também se ancoram, como nos lembra Dulcilia Buitoni:

Talvez estejamos começando a enfrentar uma crise de memória. Talvez a imagem fotográfica complexa e jornalismo possam ainda continuar desenhando linhas do tempo. Por mais que critiquemos o simulacro das imagens, um resíduo de indicialidade pode trazer pontos para a memória. E para a nossa identidade (BUITONI, 2011, p. 190).

Sabemos e vemos o que ocorre no mundo através do olhar dos fotojornalistas, por isso tamanha responsabilidade que estes profissionais têm ao elaborar imagens que narram os acontecimentos e que ficarão guardadas para serem utilizadas e interpretadas em outros momentos. Escolher um ângulo, um plano e um efeito de iluminação indicam de que modo esse registro será analisado posteriormente.

O fotojornalismo de Edvaldo Rodrigues dos Santos

A fotografia é um artefato onde a memória se cristaliza e, assim, se coloca como um embrião narrativo, já que a partir de uma imagem pode-se contar o modo de vida de um povo, por exemplo, onde a imagem amplia o repertório cultural e as lembranças do fato como afirma Boris Kossoy (1999, p. 52): “toda fotografia tem atrás de si uma história”. O que vamos abordar são as histórias atrás de algumas imagens feitas por Edvaldo Rodrigues (como é mais conhecido) ao longo da sua carreira, sobretudo tratar sobre as personalidades que ele fotografou nas diversas pautas que desenvolveu.

Nascido em Recife em 23 de fevereiro de 1942, Edvaldo Rodrigues já registrou fotograficamente acontecimentos importantes ocorridos em Pernambuco e em outros lugares do mundo da década de 1960 em diante. Começou a trabalhar como fotojornalista em 1966 no *Diário de Pernambuco*, depois passou cinco anos no *Jornal do Commercio* (onde foi até editor de fotografia) e voltou à redação do *Diário de Pernambuco* permanecendo até 2015.

Diante do longo acervo, Edvaldo Rodrigues olha para suas produções fotográficas e narra os fatos que documentou para a imprensa pernambucana, às vezes sua memória falha para lembrar o ano específico dos acontecimentos, mas lembra de detalhes e consegue descrever o que ocorreu, o local, as pessoas e o momento em que capturou cenas

tão importantes que servem para ajudar a contar tantas histórias ao longo de mais de 50 anos atuando no fotojornalismo.

O fotojornalista conta que trabalhou com todos os temas, as pautas variavam entre política, social, esporte, cultura, economia, mas o que o mais gostava de fazer era a vida urbana. Em entrevista Edvaldo Rodrigues (2019) relatou: “eu sempre gostei mesmo de fazer foi o dia-a-dia, o chamado vida urbana, briga na rua, polícia, trabalhador, o morro, [...] essas coisas de aventura, incêndio, alagamento na cidade”. Além disso outro tema que sempre o empolgou foram as viagens para o sertão, incluindo as brigas de família nas cidades do interior de Pernambuco.

Como Edvaldo Rodrigues trabalhou muitos anos nos jornais seu acervo ficou na sede destes, no entanto o fotógrafo possui um pequeno acervo com imagens importantes, que foram primeira página dos jornais em que trabalhou e que teve ampla repercussão. Por segurança, ele mantém negativos e imagens digitalizadas em três dispositivos.

Em 2014, Edvaldo Rodrigues deu uma entrevista para a revista *Unicaphoto* (Revista do Curso de Fotografia da UNICAP) e explicou como foi trabalhar durante o período da Ditadura Militar na década de 1960, disse que foi uma época muito difícil, que foi preso algumas vezes e espancado pela polícia na rua durante um protesto de estudantes de Direito. Sobre driblar a censura da época, o fotógrafo relatou:

Isto era muito difícil porque a censura estava dentro do jornal. Havia um coronel do Exército lá dentro fiscalizando toda matéria que chegava. Nunca consegui colocar nenhuma foto censurada, mas alguns fotógrafos criaram na época agências de fotografia e mandaram suas fotos para o exterior, onde foram publicadas (SANTOS, 2014).

Figura 1 – Atuação do Exército na Rua Nova durante a Ditadura Militar, Recife, 1968.



Figura 2 – Greve dos Tecelões, Ditadura Militar, Rua Manoel Borba, Recife, 1967.



Fonte: Arquivo do fotógrafo Edvaldo Rodrigues dos Santos.

Nesse momento Edvaldo Rodrigues trabalhava para o *Jornal do Commercio*, conta que fez poucas pautas, pois o jornal apoiava o Exército e foi demitido porque chegou atrasado para cobrir um treinamento militar do pelotão. Suas imagens mostram os militares nas ruas, algumas vezes em confronto com alguns grupos.

Um tema importante em seu trabalho foi fazer a cobertura da seca. Para o fotógrafo a seca mais difícil que ele acompanhou foi a de 1975, o jornal tinha o projeto de documentar todo Polígono da Seca, mas só fez algumas cidades de Pernambuco e da Paraíba, que não continuou possivelmente por falta de recursos, visto que essa área engloba também Alagoas, Bahia, Ceará, Minas Gerais, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe, num total de 1348 municípios. Rodrigues (2019) relata “Vi muita miséria e sofrimento, doei dinheiro para uma família que não tinha o que comer e dormia no chão”.

Figura 3 – Período da seca no interior de Pernambuco.



Figura 4 – Período da seca no interior de Pernambuco.



Fonte: Arquivo do fotógrafo Edvaldo Rodrigues dos Santos.

Como nos lembra Susan Sontag (2004, p. 13), “ao nos ensinar um novo código visual, as fotos modificam e ampliam nossas ideias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos o direito de observar”. Ao mesmo tempo que “a onipresença de câmeras sugere, de forma persuasiva, que o tempo consiste em eventos interessantes, eventos dignos de ser fotografados” (SONTAG, 2004, p. 21). Por isso a pluralidade de pautas jornalísticas para tentar dar total informação aos indivíduos. Algumas imagens do fotojornalismo pode ter ampla repercussão nacional ou mundial, como alguns registros de Edvaldo Rodrigues relacionados a religião, política e futebol que veremos a seguir.

Religião e Política: cobertura dos encontros de Dom Helder Câmara

A fotografia é a máquina do tempo, onde um momento efêmero se perpetua por um longo período, assim “através da fotografia dialogamos com o passado” (KOSSOY, 1999, p. 147). Entre o fato e a interpretação deste está a fotografia, que foi construída através de uma elaboração criativa do fotógrafo acionando aspectos técnicos, culturais e estéticos (KOSSOY, 1999), com isso toda imagem está carregada de intencionalidades, sobretudo as fotojornalísticas que precisam sintetizar os acontecimentos e narrar os fatos de maneira abrangente. Haja vista que existem os eventos marcantes da história, como as imagens da religião e da política, que são signos que preservam os fatos, como a experiência de olhar o arquivo fotográfico da carreira de Edvaldo Rodrigues dos Santos.

Entre as personalidades fotografadas está o Arcebispo de Olinda e Recife Dom Helder Câmara (1909-1999). Dom Helder nasceu em Fortaleza, foi ordenado padre em 1931, ajudou a fundar a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil em 1952 e tornou-se arcebispo em 1964. No período da Ditadura Militar ajudou os perseguidos políticos, escreveu um manifesto contrário a ação dos militares e foi acusado de comunista, sendo proibido até de se manifestar publicamente, considerado um “morto-vivo”, pois os meios de comunicação não podiam publicar nada sobre ele. Conhecido internacionalmente pela defesa dos direitos humanos pelo ideal de “não-violência”. Criou organizações pastorais para ajudar os pobres, como projetos para atender as comunidades do Nordeste que estavam em situação de miséria. Recebeu 716 títulos de homenagens e condecorações, entre eles o Prêmio Martin Luther King, nos Estados Unidos e o Prêmio Popular da Paz, na Noruega. Em 1972, foi indicado para o Prêmio Nobel da Paz, depois foi outras três vezes indicado. Publicou 23 livros, editado em vários idiomas.

Devido a sua atuação política e social, sua pregação libertadora em defesa dos mais pobres, seja pela denúncia da exploração dos países subdesenvolvidos, ou pela sua pastoral religiosa em prol da valorização dos pobres e leigos, foi chamado de comunista, e passou a sofrer retaliações e perseguições por parte das autoridades militares. Foi impedido de ter acesso aos meios de comunicação de massa e de divulgar suas mensagens durante todo o período ditatorial (MACHADO, 2019).

Em 2017, Dom Helder foi declarado o Patrono Brasileiro dos Direitos Humanos pela Comissão de Cultura da Câmara dos Deputados. A importância desse título se dá pelo reconhecimento das realizações de alguns brasileiros, servindo de inspiração para todos. Por conta de sua atuação política, Edvaldo Rodrigues fotografou o arcebispo em vários eventos políticos, como o encontro com Leonel Brizola (1922-2004) e com Miguel

Arraes (1916-2005). Brizola foi um engenheiro civil e político da esquerda, foi governador do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul, sendo o único político eleito para governar dois estados diferentes em toda a história do Brasil. Miguel Arraes de Alencar foi um advogado, economista e político; foi prefeito da cidade de Recife, deputado estadual, deputado federal e governador do estado de Pernambuco por três vezes.

Figura 5 – Dom Hélder Câmara com Leonel Brizola.



Figura 6 – Dom Hélder Câmara com Miguel Arraes.



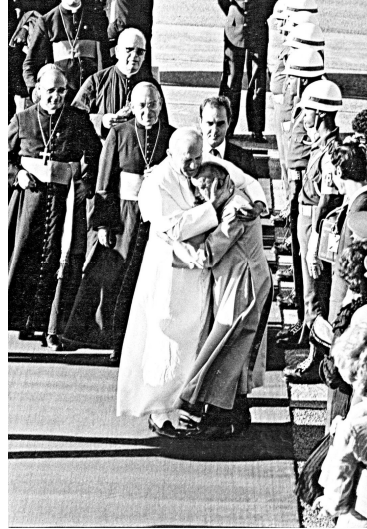
Fonte: Arquivo do fotógrafo Edvaldo Rodrigues dos Santos.

Uma das fotos preferidas de Edvaldo Rodrigues e que teve maior repercussão na sua carreira foi feita em 1980, quando o Papa João Paulo II fez sua primeira visita ao Brasil e passou por 13 cidades incluindo Recife. Na imagem mostra o Papa sendo recebido na Base Militar do aeroporto por Dom Helder. Por chegar atrasado na cobertura não poderia mais entrar, explicou a um coronel que se não fizesse a foto perderia o emprego, desse modo acabou ficando em um lugar privilegiado o que permitiu fazer uma imagem diferenciada dos demais fotógrafos.

O Coronel me colocou numa escada, que dava para a cobertura, o teto da sala VIP, eu não sabia que era a sala VIP e nem tinha na frente da sala VIP nada que identificasse que seria o local onde o papa chegava. Aí eu me posicionei na escada, depois fiquei meio desconfortável na escada, subi e fiquei no teto, em cima era uma placa de cimento, eu fiquei em cima. Começaram a colocar um tapete, chegou uns soldados e colocaram um tapete vermelho na minha frente embaixo, na sala VIP, eu olhei e disse o avião vai parar aí. [...] Começou a formar a fila dos soldados de um lado e do outro. Depois começou a chegar as autoridades. [...] Então fiquei frontal, num ângulo frontal com o papa descendo e todas as autoridades aqui. Aí desceu o papa, com todo o staff dele e eu tive esse ângulo frontal. [...] A minha lente era uma tele 135 [mm] só fixa e eu tinha uma lente normal só, mesmo assim eu conseguir fazer o ângulo dele descendo, ele se aproximando, ele com Dom Helder Câmara, o abraço. Aquele abraço que ele deu

em Dom Helder Câmara e depois ele até de passagem. Quando ele estava mais próximo eu troquei a lente, coloquei uma lente normal, ele passando já por baixo, ele deu adeus, eu tenho uma foto que ele está me dando adeus (SANTOS, 2019).

Figura 7 – Papa João Paulo II em Recife, em 1980.



Fonte: Arquivo do fotógrafo Edvaldo Rodrigues dos Santos.

Edvaldo Rodrigues conta que essa foto foi censurada no Brasil, no *Diário de Pernambuco* principalmente, porque Dom Helder era tido como comunista e não poderia ter publicações sobre ele, quando o Papa chegou o abraçou e o chamou de irmão. No jornal, havia um coronel que atuava como editor dentro da redação e não deixava passar esse tipo de conteúdo. “Então essas coisas ele não deixava passar. Então a foto foi publicada sem destaque, bem pequenininha assim, sem nenhum destaque, notinha bem pequena” (SANTOS, 2019). O jornal forneceu a imagem para um jornal de São Paulo que distribuiu a foto pelo mundo, tendo sido publicada em vários lugares com destaque.

Esta foi a foto que rodou o mundo [...]. Fiz o Papa descendo do avião, acenando para mim. Respondi com uma mão e fotografei com a outra. Essa foto foi premiada, muito vendida para vários países. Dom Helder Câmara levou essa foto para o Vaticano e eu dei a ele de presente. Foi uma foto que considero o momento certo no lugar incerto (SANTOS, 2014).

Diante dessa cobertura da chegada do Papa e especialmente por conta dessa imagem acionamos o que Ana Taís Portanova Barros (2017, p. 2) coloca que a fotografia funciona como a “síntese imediata que favorece um resumo interpretativo de fatos e contextos”. Ao olhar tal imagem, diante do contexto do que ocorria no Brasil naquele momento pelos anos da Ditadura Militar temos uma síntese da mensagem que o Papa

queria demonstrar diante do abraço que dá em Dom Helder.

Imagens de Miguel Arraes e Gilberto Freyre

No campo da política também fez a cobertura da atuação de Miguel Arraes. Edvaldo Rodrigues afirma que Arraes foi o político que mais o marcou, ele conta que ao acompanhar suas viagens pelo sertão, as pessoas humildes se ajoelhavam perante ele e beijavam sua mão como se fosse um santo. Arraes nasceu no Ceará, foi morar no Rio de Janeiro e depois em Recife onde formou-se em Direito, trabalhou no Instituto do Açúcar e do Alcool, teve forte atuação política em vários governos e, em 1962, se elegeu pela primeira vez governador de Pernambuco, atuando de 1963 a 1964, tendo o mandato interrompido por ter sido preso por conta de ser favorável a reforma agrária.

O golpe militar de 1964 depôs o presidente João Goulart no dia 31 de março. Um dia depois, tropas do Exército cercaram o Palácio do Campo das Princesas. Como Arraes recusa a proposta de renúncia, é deposto e preso. Foi levado para o 14º Regimento de Infantaria, no Recife e, posteriormente, para Fernando de Noronha, onde permaneceu até dezembro. Ao retornar, ficou preso na Companhia de Guarda da Capital, sendo transferido para a Fortaleza de Santa Cruz, em Niterói, no Estado do Rio. Por força de *habeas corpus* concedido pelo Supremo Tribunal Federal, Arraes é solto em 21 de abril de 1965. [...] Sob ameaça de nova prisão, consegue asilo na Embaixada da Argélia, em 24 de maio, e viaja para Argel no dia 16 de junho. Nessa época, é implantado o bipartidarismo no Brasil, passando a existir como partidos políticos apenas a Aliança Renovadora Nacional (Arena) e Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Arraes declara-se adepto do MDB, de oposição ao governo militar. A sua volta ao Brasil ocorreu em 15 de setembro de 1979, após 14 anos de exílio, tendo sido beneficiado pela Lei de Anistia, sancionada em 28 de agosto (GASPAR, 2019).

Figura 8 – Ato de campanha de Miguel Arraes.

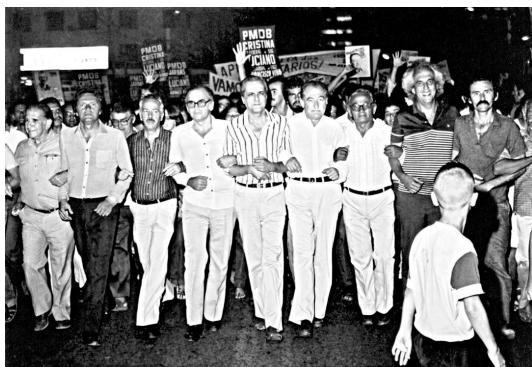


Figura 9 – Posse de Miguel Arraes em 15 de março de 1987.



Fonte: Arquivo do fotógrafo Edvaldo Rodrigues dos Santos.

Em 1986, Arraes se elege para seu segundo mandato como governador de Pernambuco (1987 a 1990), em 1994, é eleito para o terceiro mandato (no cargo de 1995 a 1998), continuou sua vida política como deputado federal, vindo a falecer em 2005.

Figura 10 – Miguel Arraes em Recife.



Fonte: Arquivo do fotógrafo Edvaldo Rodrigues dos Santos.

Arraes foi considerado como um político atento às classes menos favorecidas e às causas sociais, sobretudo contra os abusos trabalhistas de usineiros da Região Nordeste. Em 2018, foi considerado Herói da Pátria no Livro de Aço, que fica localizado no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, na Praça dos Três Poderes, em Brasília.

Outra pessoa de destaque que Edvaldo Rodrigues fotografou foi Gilberto de Melo Freyre (1900-1987). Sociólogo, antropólogo e historiador pernambucano, autor do famoso livro *Casa Grande e Senzala* (1933) que trata sobre a formação da sociedade brasileira através da vida nos engenhos. Foi professor de várias universidades estrangeiras, recebendo muitos prêmios literários nestas e, também, no Brasil. Na Inglaterra, recebeu da Rainha Elizabeth II o título de Sir, Cavaleiro Comandante do Império Britânico. Foi um dos criadores da Fundação Joaquim Nabuco, importante órgão que cuida da cultura e patrimônio histórico de Pernambuco. Colaborou com os jornais *A Província*, o *Diário de Pernambuco* e a revista *O Cruzeiro*, além de vários periódicos estrangeiros. Em 1986, foi eleito para Academia Pernambucana de Letras.

Considerado um pioneiro da Sociologia no Brasil, foi um dos idealizadores do I Congresso Brasileiro de Regionalismo, do qual resultou a publicação Manifesto regionalista de 1926, contrário à Semana de Arte Moderna de 1922 e valorizando

o regionalismo nordestino em confronto com as manifestações da “cultura européia” (GASPAR, 2019).

Figura 11 – Gilberto Freyre em sua casa em Recife.



Figura 12 – *Chuva e Glória*, Recife, 1980.



Fonte: Arquivo do fotógrafo Edvaldo Rodrigues dos Santos.

Além da fotografia do Papa João Paulo II, quando visitou Recife em 1980, outra imagem preferida de Edvaldo Rodrigues é de Gilberto Freyre, também feita em 1980 (acima). Foi realizado um campeonato de futebol com o nome de Freyre para homenageá-lo pelos seus 80 anos. A imagem premiada o mostra entregando a taça no estádio do Sport em um dia de muita chuva na cidade, a fotografia tem por título *Chuva e Glória*.

Futebol e Homenagem

Edvaldo Rodrigues também fez a cobertura de vários eventos de futebol, fotografou três Copas do Mundo (Espanha, em 1982; México, em 1986; Itália, em 1990), jogos do Campeonato Brasileiro e Campeonato Pernambucano. Ele relata:

Foi muito emocionante. Lembro como se fosse hoje. Estava na Espanha, em 1982, cobrindo a primeira Copa da minha vida em Madri. Aquela cidade, muita gente bonita, uma coisa diferente da minha cidade e eu disse pra mim mesmo: meu Deus, estou aqui na Europa. Vim lá de um bairro pobre e me encontro aqui num lugar desse. Foi muito emocionante (SANTOS, 2014).

Na Espanha, em 1982, fez a foto de Zico que desclassificou a seleção brasileira da copa. No México, em 1986, fez a foto do zagueiro brasileiro Julio Cesar que foi destaque na competição, pois iria jogar na Europa após a copa, a imagem foi publicada na capa do *Diário de Pernambuco* em preto e branco e na revista *O Cruzeiro* colorida, mostrava o jogador com um sombrero sentado no centro do campo, a imagem mostrava

todo o estádio e foi feita durante um treino da seleção. Em 1989, fez uma excursão acompanhando jogos da seleção brasileira pela Europa.

Figura 13 – Zagueiro Julio Cesar, México, 1986.



Fonte: Arquivo do fotógrafo Edvaldo Rodrigues dos Santos.

Em 2014, Edvaldo Rodrigues foi homenageado pelo Curso de Fotografia da Universidade Católica de Pernambuco e ganhou o Prêmio Alcir Lacerda⁴ em sua terceira edição. O prêmio foi entregue dia 19 de agosto quando se comemora o Dia Mundial da Fotografia pela filha de Alcir, a pesquisadora Betty Lacerda.

Figura 14 – Edvaldo Rodrigues e Betty Lacerda, 2014.



Fonte: Arquivo do Curso de Fotografia da UNICAP.

⁴ Alcir Lacerda (1927-2012) foi um importante fotógrafo pernambucano. Aprendeu como autodidata e uma Rolleiflex emprestada. Com o artista Lula Cardoso Ayres fotografou os bairros do Recife. Em 1957, abriu a empresa ACÊ Filmes, em sociedade com Clodomiro Bezerra e começou a trabalhar com microfotografia na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco. Teve imagens publicadas no *Jornal do Comércio*, *Diário de Pernambuco*, *O Estado de São Paulo* e revistas como *Fatos e Fotos*, *O Cruzeiro*, *Veja e Placar*. Em 1963 e 1964 fez reportagens fotográficas sobre a seca, o golpe militar e a prisão de Miguel Arraes, no entanto seu material foi apreendido pelos militares, salvando apenas um filme. Foi presidente da Associação dos Repórteres-Fotográficos e Cinematográficos de Pernambuco na década de 1980. Em 2001, fez a exposição intitulada *Tamandaré, Pescadores de Almas e de Peixes*, com fotografias da praia durante 50 anos. Em 2004, foi inaugurada a Sala Alcir Lacerda na Torre Malakoff destinada às exposições fotográficas. Faleceu em 2012 após receber um prêmio pelo seu trabalho como fotógrafo da UNICAP.

Em 2015, Edvaldo Rodrigues teve alguns problemas de saúde causado por stress e relata que depois de uma viagem para Buenos Aires, onde teve um “apagão”, foi demitido do *Diário de Pernambuco* em 23 de março. Atualmente, além de cuidar de um sítio, está participando de um projeto para lançar um livro com fotos de futebol, portanto não parou de fotografar e está presente em estádios para sua nova tarefa dentro da perspectiva do fotojornalismo. Além deste trabalho, também está preparando um livro com as fotos mais importantes de sua carreira que será publicado em breve. Edvaldo Rodrigues comenta sobre a função de repórter fotográfico diante do cenário atual.

Estou com medo que desapareça. Em alguns jornais até o repórter fotográfico já desapareceu. Os jornais hoje não buscam mais qualidade, buscam informação rápida. Então hoje usam imagens de leitores enviadas através do Whatsapp, sem qualidade técnica, nem olhar de jornalista. O repórter fotográfico, mesmo que não tenha estudado, quando entra é como um escritor. Ele tem no sangue, tem no olhar um lado crítico que vai buscar através da foto uma mensagem (SANTOS, 2014).

Ao olhar as fotografias de Edvaldo Rodrigues dos Santos podemos imaginar e saber o que ocorreu em Pernambuco, na segunda metade do século XX em diante, em destaque para importantes acontecimentos religiosos, políticos e sociais. Já que as imagens permitem múltiplas leituras, vemos também como as pessoas de certo modo se comportavam, o que vestiam, a construção dos prédios, a arquitetura da época, como eram as ruas, os eventos culturais, as relações sociais.

Considerações Finais

Como atividade singular que usa a imagem como elemento de observação, análise e opinião, o fotojornalismo revela e expõe os fatos para que as pessoas possam saber e ver o que está ocorrendo, além de credibilizar a informação textual. Segundo Jorge Pedro Sousa (2004, p. 13), “uma imagem fotojornalística, para ter sucesso, geralmente precisa de juntar a força noticiosa à força visual”. Assim, o fotojornalismo tem um compromisso social ao dar acessibilidade ao público dos acontecimentos.

O papel do fotojornalista é tratar o real, colocando diante do público uma imagem que vai apresentar o acontecimento, tentando ser mais completa, densa e sintética possível. “Não existe imagem inocente. É preciso ter repertório, é preciso observar e

tentar imaginar todos os passos de produção de uma foto” (BUITONI, 2011, p. 7). Visto que esta pode ganhar grande repercussão a depender de como e onde for publicada.

Edvaldo Rodrigues consegue está nos momentos e lugares certos para criar suas fotografias com força noticiosa e visual, seu acervo rico de histórias permite ver o que ocorreu e aguça a curiosidade para saber quem são as pessoas retratadas, os acontecimentos registrados e os lugares imortalizados nas imagens. Além de ver, torna-se um trabalho de pesquisa, permite construir a memória ao interpretar e contextualizar . os fatos passados conectando com o presente.

Referências

BARROS, Ana Taís Martins Portanova. Imagens do passado e do futuro: o papel da fotografia entre memória e projeção. In: **Matrizes**. V.11 - Nº 1 jan./abr. 2017. São Paulo. p. 149-164. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/matrizes/article/view/122953> Acesso em: 05 jul. 2018.

BUITONI, Dulcilia Schroeder. **Fotografia e jornalismo: a informação pela imagem**. São Paulo: Saraiva, 2011.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

GASPAR, Lúcia. *Gilberto Freyre*. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>>. Acesso em: 11 abr. 2019.

GASPAR, Lúcia. *Miguel Arraes de Alencar*. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 11 abr. 2019.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. Cotia, SP: Ateliê Ed., 1999

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4 ed. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

MACHADO, Regina Coeli Vieira. *Dom Helder Câmara*. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

SANTOS, Edvaldo Rodrigues dos. Mais de meio século de fotojornalismo. In: **Unicaphoto** – Revista do Curso de Fotografia da UNICAP. Vol. 3, n. 3, ago. 2014. Recife. p. 8-11. Disponível em: <<http://www.unicap.br/unicaphoto/>>. Acesso em: 11 abr. 2019.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Título original: On Photography.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. 4 ed. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: Editora da UnB, 1992.